



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

BRENDA SWYLY SOUZA BARBOZA

**A UTILIZAÇÃO DO JOGO WAR PARA TRABALHAR O TERRITÓRIO NO
ENSINO DE GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIA A PARTIR DO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO/UEPB.**

**CAMPINA GRANDE
2016**

BRENDA SWYLY SOUZA BARBOZA

**A UTILIZAÇÃO DO JOGO WAR PARA TRABALHAR O TERRITÓRIO NO
ENSINO DE GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIA A PARTIR DO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO/UEPB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia

Orientador: Prof^ª. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B238u Barboza, Brenda Swyly Souza
A utilização do Jogo War para trabalhar o território no ensino de Geografia [manuscrito] : experiência a partir do estágio supervisionado/UEPB / Brenda Swyly Souza Barboza. - 2016.
42 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo, Departamento de Geografia".

1.Jogo educativo. 2.Ensino de Geografia. 3.Didática educacional. 4.Docência. I. Título.

21. ed. CDD 371.337

BRENDA SWYLY SOUZA BARBOZA

A UTILIZAÇÃO DO JOGO WAR PARA TRABALHAR O TERRITÓRIO NO
ENSINO DE GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIA A PARTIR DO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO/UEPB

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
em Geografia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciado em Geografia.

Área de concentração: Ensino de
Geografia

Orientador: Prof^a. Dra. Josandra
Araújo Barreto de Melo

Aprovada em: 20/12/2016.

BANCA EXAMINADORA

Josandra Araújo Barreto de Melo
Prof^a. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Angélica Mara de Lima Dias
Prof^a. Ms. Angélica Mara Lima Dias
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

David Luiz Rodrigues de Almeida
Prof^o. Ms. David Luiz Rodrigues de Almeida
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A Prof. Me. Faustino Moura Neto, coordenador do curso de Geografia, por seu empenho.

À Profa. Me. Marília Maria Quirino Ramos, coordenadora adjunta do curso de Geografia, pela dedicação e por toda aprendizagem que foi dada nessa jornada.

A Prof. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo pela orientação dada e pelo auxílio prestado em todo o decorrer deste processo, na contribuição material e imaterial através das palavras de incentivo.

Aos meus pais e familiares, por toda a contribuição que me foi dada, nos momentos de apoio e por me incentivarem sempre mostrando que a educação é o caminho que poderia mudar minha vida.

Aos amigos de classe pelos sorrisos dados a cada manhã, pelo apoio nos momentos de tensão e pelo laço de amizade criado nesta instituição de ensino, mas que perdurará por toda uma vida.

Aos professores do Curso de Geografia da UEPB, em especial, aos professores que estão nessa banca avaliadora, pelo apoio que foi dado e pelo aceite na avaliação desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, de todos os setores, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco a sociedade muda”. (Paulo Freire)

RESUMO

Este trabalho é fruto da vivência no Estágio Supervisionado em Geografia desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Argemiro de Figueiredo. Objetivou-se discutir a importância do Estágio Supervisionado para a formação docente refletindo sobre o uso de uma nova linguagem no ensino de Geografia. A experiência foi realizada com o 1º ano F, ensino médio. Através da aplicação de questionário diagnóstico, constatou-se a necessidade do uso de recursos didáticos que, de forma lúdica, fossem capazes de motivar, visando à melhoria da compreensão e aprendizado dos alunos. O conteúdo a ser trabalhado foi a categoria Território, para tanto foi feito um levantamento a fim de saber qual jogo teria as características necessárias para auxiliar os alunos nesse processo de ensino e aprendizagem, nessas condições optou-se trabalhar com o jogo War, pois, a partir dele é possível que o aluno possa compreender noções geográficas, de territórios, fronteiras, limites, espaços e as relações de poder e estratégia, noções essas que fizeram parte dos conteúdos das aulas expositivas. Os resultados obtidos foram bastante positivos, os alunos conseguiram aplicar e assimilar os conceitos estudados em sala, a partir da dinâmica com o jogo, utilizando de estratégias e habilidades desenvolvidas durante o mesmo, tornando essa experiência desafiadora, motivadora e rica em construção de saberes, e que também refletiu positivamente para o estágio, já que essa prática possibilitou um processo de descobertas e aprendizagem, que foram imprescindíveis para a formação acadêmica, tendo em vista não apenas a formação profissional, como também a pessoal.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia; Linguagens; Jogos.

ABSTRACT

This work is fruit of the experience in the Supervised Internship in Geography developed at the State School of Elementary and Middle School Senador Argemiro de Figueiredo. The objective was to discuss the importance of Supervised Internship for teacher training reflecting on the use of a new language in Geography teaching. The experience was carried out with the 1st year F, high school. Through the application of a diagnostic questionnaire, we contacted the need to use didactic resources that, in a playful way, were able to motivate, aiming at improving students' understanding and learning. The content to be worked was the Territory category, so it was done a survey in order to know which game would have the characteristics necessary to assist the students in this process of teaching and learning, under these conditions it was decided to work with the War game, from it is possible that the student can understand geographical notions, territories, boundaries, limits, spaces and the relations of power and strategy, these notions that were part of the contents of the lectures. The results obtained were very positive, students were able to apply and assimilate the concepts studied in the room from the dynamics with the game, using strategies and skills developed during the same, making this experience challenging, motivating and rich in knowledge construction, and which also reflected positively for the internship, since this practice made possible a process of discovery and learning, which were essential for the academic formation, considering not only professional training, but also personnel.

Keywords: Geography Teaching; Languages; Games.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA ESCOLAR NO BRASIL.....	11
2.1	A Geografia Escolar no Império e sua institucionalização no currículo escolar brasileiro.....	11
2.2	A Geografia Escolar na República e as reformas educacionais.....	13
2.3	A ascendência da Geografia moderna no ensino brasileiro.....	15
3	A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA.....	18
3.1	O ensino do Território na Geografia Escolar.....	23
3.2	A utilização de jogos como recurso didático-pedagógico no Ensino de Geografia.....	26
4	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	28
5	REFERÊNCIA EMPÍRICA E AVALIAÇÃO DE UMA PRÁTICA.....	33
5.1	Concepções dos alunos acerca da utilização dos jogos nas aulas de Geografia.....	33
6	CONCLUSÃO.....	36
	REFERÊNCIAS.....	37
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOBRE A UTILIZAÇÃO DE JOGOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA.....	40
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO.....	42

1 INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado é uma disciplina obrigatória do curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba, e é imprescindível na formação do docente que quer estar preparado, de fato, para lidar com o dia a dia de uma carreira, no qual os estudantes são incitados a aprender os componentes agregando a sua vivência, o seu cotidiano. Como sempre é elencado, o estágio vem a ser o momento em que teoria e prática se vinculam, haja vista que o futuro professor aliará o que foi estudado até então, e começará a fazer a relação com o cotidiano do seu trabalho.

São constantes os desafios com os quais os estagiários se deparam durante todo o estágio, levando em consideração não só o próprio cotidiano escolar, mas como também o pensar da linguagem e metodologia no ensino de Geografia. Dentre os muitos desafios, o principal deles é a frequente dificuldade dos alunos de compreender os conceitos e conteúdos trabalhados em sala. Portanto, a dificuldade em trazer os conteúdos estudados para a realidade do aluno é muito presente, além da carência em discutir a educação e fazer algo para suprir as necessárias mudanças na escola.

Empenhados com a qualidade da sua prática pedagógica, conhecem a seriedade do jogo como um meio para o alargamento intelectual e social do estudante. O jogo não é simplesmente um entretenimento para mudar a rotina dos alunos, mas sim, um importante meio que exige dos discentes uma grande dedicação e conceito cotidiano para se poder elencar o que é importante e o que é relevante do que se foi escolhido para ser trabalhado. Por meio do jogo, se pode brincar espontaneamente, examinar proposições e interagir com o seu colega, por exemplo.

Jogando, potencialidades serão vistas e trabalhadas de uma melhor maneira, não esquecendo que a ludicidade aguçará a saúde intelectual, física e emocional de quem fizer uso dela, conforme entendimento de Oliveira (1999) o jogo cria uma situação de regras que proporcionam uma zona de desenvolvimento proximal no aluno. Desse modo, este comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real e também aprende a separar objeto e significado.

São inúmeros jogos, por isso, não se deve achar que todos vão poder ser usados na sala de aula. A preocupação se esse recurso pode ser usado e como deve ser usado, tem que ser constante, pensando sempre no público-alvo, nas suas pretensões enquanto docente, e o eixo central que será abordado.

Dessa forma, o jogo “WAR” vem a ser um importante meio para se trabalhar a categoria território no ensino de Geografia. Dificilmente, um jogador ganhará o jogo baseado na sorte: se faz necessário uma boa estratégia para se consagrar vencedor. Não esquecendo o que se é apreendido nos arcabouços teóricos, e também na prática docente, se agregará mais esse jogo de modo que ele venha a facilitar a apreensão dos mecanismos de aprendizagem para com as categorias geográficas e suas singularidades.

Enfim, este trabalho tem por objetivo analisar a contribuição do jogo WAR enquanto recurso didático para o ensino de Geografia por meio de uma experiência do Estágio Supervisionado da UEPB. Identificar as dificuldades dos estudantes da 1ª série do Ensino Médio referente ao tema. E propor uma metodologia que promova a participação dos alunos nas aulas de Geografia por meio da inserção de atividades lúdicas.

2 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA ESCOLAR NO BRASIL

A partir desse ponto, pretende-se fazer um breve resgate histórico do surgimento da Geografia como disciplina escolar, procurando compreender a sua configuração no início da sua institucionalização, e os contextos da política educacional brasileira, apontando os entraves e as possibilidades de superação do processo pelo qual a mesma tem passado ao longo da sua existência.

Acredita-se que o desvelamento do percurso traçado pela Geografia escolar nos últimos anos permitirá determinar a origem, a natureza, e as características dos fatores diretamente relacionados às transformações didático-pedagógicas pelos quais o ensino de Geografia vivenciou e ainda vivencia nos dias de hoje.

2.1 A Geografia Escolar no Império e sua institucionalização no currículo escolar brasileiro

No Brasil Colônia, durante os séculos XVI, XVII e XVIII, a educação era realizada pelos Jesuítas e era diferenciada entre os indígenas e os colonos. Para os indígenas, valorizou-se a formação religiosa cristã, e para os colonos uma formação humanista

A institucionalização da Geografia no currículo escolar se deu a partir no século XIX, o ensino de Geografia adquiriu maior importância na educação formal existente no país. A partir da criação do Colégio Pedro II, a disciplina de Geografia passa a ser detentora de um novo status no currículo escolar brasileiro, é nesse período que ela finalmente adquire o estatuto de disciplina autônoma. O Colégio Pedro II foi fundado com a intenção de copiar os Liceus franceses, e a Geografia vai ser incorporada na grade de matérias porque ela fazia parte das matérias escolares já consolidadas no Programa Escolar francês (ROCHA, 1996).

Influenciados pelo modelo curricular proveniente da França, no novo estabelecimento de ensino prevaleciam os estudos literários, porém, apesar de não serem a parte mais significativa daquele currículo, nele também se faziam presentes disciplinas como História e Geografia dentre outras.

A obrigatoriedade do ensino de Geografia implantada a partir do Colégio Pedro II foi um destaque para a Geografia, que passou a fazer parte de todos os programas de reformas educacionais futuras, sendo formalmente incorporada à Escola no Brasil,

passando a ser ensinada nas escolas secundárias do país, definidos por todas as Reformas Educacionais Brasileiras, de 1889 até os dias atuais.

Ao longo de sua afirmação quanto disciplina escolar, a Geografia tinha caráter mnemônico, ou seja, era baseada na memorização. Esse método ficou conhecido como dialogístico, apresentado na obra de Thomaz Pompeo de Souza Brasil, que se caracteriza pela elaboração de perguntas e respostas simulando um diálogo constante entre professor e aluno, com o objetivo de tornar mais fácil a memorização, uma das fortes influências para a continuação do ensino neste formato foram os exames de admissão para entrada em diferentes níveis de ensino.

As obras de Pompeo sofreram várias modificações, dentre elas pode-se citar a terceira edição, lançada em 1859, o fim do método dialogístico:

Atendendo ao conselho de algumas pessoas ilustradas, mudei a forma dialogística, que havia adaptado nas duas primeiras edições, que com quanto se prestasse mais facilmente à didática, era menos elegante, e não dava lugar ao desenvolvimento de outros assuntos. (SOUZA NETO, 2000, p. 11)

Da mesma forma, não pode-se esquecer que o compêndio escrito por Thomaz Pompeo, segundo relata Souza Neto (2000), inscrevia-se dentro de uma tradição epistemológica vigente e aceita para a sua época, que era a mera descrição, a enumeração dos fenômenos e a repetição de modelos comuns à Geografia clássica. Tanto é que:

O compêndio de Geografia, de que se tiraram cinco edições foi objeto de elogios do Cardeal de Wiseman, de Londres, e outros sábios, sem embargo da observação de Pompeo Sobrinho de que, apesar de o ilustre geógrafo já conhecer as principais obras de Humboldt, os seus trabalhos são moldados segundo o sistema universalmente adotado. (SOUZA NETO, 2000 p. 41)

Portanto, a forma de ensino que prevaleceu de maneira generalizada foi a de memorização. Lamentavelmente, nenhuma outra forma de ensino poderia aliar-se em harmonia com a Geografia descritiva que não fosse o “aprender de cor” ou “reter na memória”. A Geografia, cuja reputação era ser uma ciência que tinha por objetivo descrever a terra, não poderia ser compatível com outro modelo de ensino pela sua especificidade taxinômica e nomenclaturista.

Durante o império, existiram manifestações públicas contrárias a essa maneira inadequada de ensinar Geografia. Para comprovar o quanto o ensino de Geografia

estava obsoleto, o político e jurista Ruy Barbosa, fez uma análise com o objetivo de confrontar a Geografia ensinada em alguns países da Europa e da América do Norte.

[...] O ensino por nomenclatura domina exclusivamente: salvo algumas observações frias e sem cor acerca do aspecto físico dos sistemas de governo.... Na Geografia geral a grande questão, o empenho quase absoluto do curso está em gravar na memória os nomes de todos os países, mares, golfos, estreitos, lagos, rios, montes, ilhas, penínsulas, cabos: cerca de mil. Na Geografia particular recrudescer a impertinência e a preocupação fixa, invariável, de decorar, e só decorar. (BARBOSA, 1946, p. 305-306.)

Durante quase todo o período imperial, o ensino de Geografia, salvo raras exceções, manteve-se quase que intocado em sua modelagem conceitual e metodológica, tendo sofrido tímidas alterações no que se refere ao conteúdo ensinado e a metodologia empregada para o seu ensino. Proferiu-se durante todo o Império, uma Geografia escolar fundamentada na orientação clássica, ou seja, uma Geografia de caráter puramente descritivo, mnemônico, enumerativo e enciclopédico, totalmente alheia a realidade que cerca a vida do aluno. Segundo Issler (1973, p. 55-56).

A situação do ensino de Geografia no Império ressentiu-se também dos inúmeros problemas que afetaram todo o processo de educação. Certamente de melhorias significativas nos programas estariam relacionadas com a longa série de fatos que tumultuaram a administração do ensino secundário. Os inúmeros projetos de reforma discutidos, aprovados ou não, e arquivados; as discussões de questões em torno da centralização e descentralização, os gabinetes de “passagem”, tudo isso e mais uma situação constrangedora de trabalho escolar: carência de recursos, ausência de professores qualificados e baixos salários, a ponto de escolas ficarem sem mestre por não haver interessados; a disseminação de aulas particulares de preparação para os exames, a improvisação, enfim, a falta de uma definição para a escola média.

Terminado o período Imperial, as alterações apresentadas pelo ensino de Geografia foram pouco significativas, em sentido oposto, foram grandes o número de oportunidades de tentar dar um novo aspecto a esta disciplina. Porém, constatou-se que desde a fundação do Colégio Pedro II, em 1837, até a decadência do Império, pouco mais de meio século, predominaram, sobretudo os propósitos fundamentados em conhecimentos de fatos, através de uma visão enciclopédica, descritiva, não científica e de uso exclusivo da memória.

2.2 A Geografia Escolar na República e as reformas educacionais

Acompanhando o processo evolutivo de transformação no qual passou a Geografia escolar brasileira durante o decurso do período republicano é fundamental

destacar as principais reformas educacionais ocorridas. A primeira reforma educacional no período republicano foi planejada por Benjamin Constant em 1890.

No que se refere ao ensino de Geografia ficou estabelecido que o mesmo seria ministrado em todas as sete séries do ensino secundário integral distribuídos da seguinte forma: nos dois primeiros anos seriam ministradas três aulas por semana, com o seguinte programa para o primeiro ano: Geografia física, especialmente do Brasil, exercícios cartográficos e noções concretas de astronomia. Para o segundo ano o programa compreendia os seguintes assuntos: Geografia política e econômica, especialmente do Brasil, exercícios cartográficos e estudo complementar de astronomia concreta, ao passo que nos demais anos seria facultada a essa disciplina uma hora semanal para revisão dos conteúdos já vistos anteriormente.

A análise formulada por Rocha (1996, p.211) oferece uma oportunidade para algumas considerações sobre o tratamento dado à Geografia escolar durante a vigência, da primeira reforma educacional elaborada por Benjamin Constant

Uma análise de tais conteúdos nos permite afirmar que, no período de vigência deste programa, manteve-se hegemonicamente em sala de aula a orientação clássica de Geografia. O saber geográfico, por ela transmitido, manteve-se assentado nas duas vertentes que davam corpo à Geografia clássica, quais sejam: a Geografia matemática e a Geografia descritiva. Daí se compreende o porquê da presença de conteúdos de astronomia, cosmografia, cartografia, além da mera descrição dos elementos naturais e sociais presentes na superfície da terra, descartada qualquer tentativa de interpretação e explicação para os mesmos. No que diz respeito aos territórios nacionais ou os dos Estados brasileiros, operou-se os estudos pela mais pura, simples e exaustiva corografia. Demonstrando a sua vitalidade, foi ainda o modelo presente na *Corographia Brasílica* Aires de Casal, que norteou os estudos corográficos brasileiros.

A segunda reforma educacional efetiva no período republicano ocorreu em janeiro de 1901, denominada de reforma Epitácio Pessoa. No que diz respeito a Geografia escolar essa reforma propôs poucas modificações, sendo a mais considerável a redução das aulas desta disciplina aos três primeiros anos do ensino secundário integral. Foram, portanto, abolidas as revisões que se faziam presentes na reforma anterior.

A terceira reforma educacional executada em abril de 1911 se tornou conhecida pelo nome de Rivadávia da Cunha Corrêa, então Ministro da Justiça e Negócios Interiores. Dentre as características mais importantes implementadas nessa reforma estão, entre outras, a redução do curso secundário de sete para seis anos cabendo a Geografia a participação nas três primeiras séries, com carga horária de três horas semanais em cada uma delas. Portanto, a Geografia no programa não sofreu alteração em relação ao programa da reforma precedente.

Em relação ao ensino de Geografia, o novo regulamento do Colégio Pedro II, aprovado durante a reforma Rivadávia Corrêa determinava que:

No ensino de Geografia o intuito fundamental será a descrição metódica e racional da superfície da terra, por meio de desenhos, na pedra e no papel, copiados, mas nunca transfoliados, e de exercícios de memória referentes às cinco partes do mundo, aos países da América, especialmente ao Brasil, e aos da Europa, com a preocupação de evitar munúcias, nomenclaturas extensas, dados estatísticos, exagerados e tudo quanto possa sobrecarregar, quer no estudo da Geografia física, que no da Geografia política e do ramo econômico. (ROCHA, 1996, p. 216).

Pode-se perceber que apesar do ensino de Geografia esta passando por um período de evolução, os métodos de ensino continuaram sendo arcaicos, alheios e em sua totalidade completamente desprovido da imaginação e criatividade, ou seja, uma Geografia de nítida orientação clássica ainda conservava-se firme e forte no âmago da nossa disciplina escolar.

A quarta reforma a ser implantada durante a república ocorreu em março de 1915 e foi intitulada de reforma Carlos Maximiliano. Dentre as principais características dessa reforma destaca-se a redução do curso secundário de seis anos para cinco anos de duração.

Em relação ao ensino de Geografia podemos certificar que a referida reforma conduziu a disciplina para a depreciação em relação a reforma anterior, visto que, houve uma redução em relação ao número de séries em que a Geografia se fazia presente. Assim a disciplina passa a ser ministrada apenas nos dois primeiros anos do curso secundário. Além da diminuição do número de séries o conteúdo a ser ministrado se tornou mais compacto, ainda que continuasse sendo o mesmo empregado na reforma anterior.

Durante o período de vigência da reforma Carlos Maximiliano o ensino de Geografia distanciou-se ainda mais das práticas teórico-metodológicas propostas pela pedagogia moderna. A Geografia continuou a ser ensinada com as mesmas características da época em que foi estabelecida como disciplina nos currículos das escolas.

Mesmo passando quase um século de institucionalização da Geografia no currículo escolar brasileiro o que sobressaiu foi o ensino puramente verbalista, livresco, desenvolvido por meio de recitação e avaliado através de exames que exigia da memória a reprodução das lições ao pé da letra. A realidade até então presente no ensino de Geografia seria transformada a partir da segunda década do século XX.

2.3 A ascendência da Geografia moderna no ensino brasileiro

Para a Geografia escolar brasileira a década de XX alcança um valor sem precedentes, especialmente no que se diz respeito ao processo de renovação pelo qual essa

disciplina passará. Foi nesse período que se deu, de forma mais intensa, o embate entre a maioria dos professores que eram favoráveis a um ensino de Geografia baseados na corrente tradicional, ou seja, a Geografia clássica, de característica descritiva e mnemônica, e opondo-se a esta força, uma minoria que pleiteavam formas urgentes de renovação do ensino desta disciplina, tanto no que se refere às metodologias utilizadas em sala de aula, quanto aos respectivos conteúdos ensinados.

No entanto, a segunda década do século XX significou para a Geografia escolar um momento de importantes transformações. Em constestação ao modelo até então vigente, baseado nas prerrogativas de um ensino tradicional, manifesta-se de maneira verossímil propostas inovadoras para o ensino desta disciplina.

A última das reformas a serem executadas no período da República Velha, instituída em Janeiro de 1925 pelo professor Rocha Vaz, então Reitor da Universidade do Rio de Janeiro e Diretor do Conselho Superior de Ensino, e Luis Alves, que ocupava cargo de Ministro da Justiça e Negócios Interiores. Dentre as principais transformações oriundas dessa reforma estão o aumento do tempo de duração do curso secundário de cinco para seis anos, a extinção dos exames parcelados preparatórios e a consequente introdução do regime seriado, que a partir daquele instante seria adotado nas escolas médias presentes em todo território brasileiro.

De acordo com Rocha (1996, p. 216)

No ensino da língua materna, da literatura, da Geografia e da história nacionais darão os professores como temas para trabalhos escritos assuntos relativos ao Brasil, para narrações, descrições e biografias dos grandes homens em todos os ramos da atividade selecionando, para trabalhos orais, entre as produções literárias de autores nacionais, as que estiverem mais ao alcance ou mais possam interessar aos alunos para desenvolver-lhes os sentimentos de patriotismo e de civismo. Serão excluídas, por seleção cuidadosa, as produções que, pelo estilo ou doutrinação incidente, diminuam ou não despertem os sentimentos constitutivos dos caracteres bem formados.

Parece evidente, mesmo não se manifestando de forma direta, mas de maneira subentendida, o parágrafo acima destaca a intenção de um projeto para o ensino de Geografia, de literatura e de história nacional voltados a acatar aos interesses daqueles que detém o poder preconizado pelo Estado.

Observa-se com clareza que a recomendação atribuída aos professores na hora de selecionar os textos que serão trabalhados por essas disciplinas, que os mesmo tenham o devido cuidado em examinar se neles estão incorporados a ideologia do

nacionalismo patriótico, caso não, a recomendação era que fossem diligentemente excluídos por não despertarem os sentimentos ideológicos de patriotismo, que naquele momento se fazia cada vez mais penetrado nas escolas.

No encadeamento de ideias relacionadas a ideologia do nacionalismo patriótico o papel do professor de Geografia é o de catequizar a juventude presente nas salas de aula. O ensino-aprendizagem da Geografia objetivava construir no aluno uma determinada imagem do território nacional, “pátria amada brasil”, patenteada pelas diferenças entre as regiões, mas assumindo, sob a tutela do Estado, um destino marcado pelo progresso.

Posição contrária a afirmativa preconizada por Rocha (1996, p. 230) em relação a época em que se dá a disseminação da ideologia do nacionalismo patriótico nas salas de aula está Vlach (1988, p. 141) quando afirma que:

Por conseguinte, através do ensino da língua nacional, obrigatório nas escolas de primeiras letras (desde a lei de 15 de outubro de 1827), foi possível veicular, via descrições geográficas literárias do território brasileiro, além da história do Brasil, a ideologia do nacionalismo patriótico, não obstante o ensino de Geografia não se fazer diretamente presente neste grau de ensino.

Segundo Vlach (1988), mesmo o ensino da disciplina de Geografia não fazendo parte de forma direta do conteúdo presente nas escolas de primeiras letras, isso não impossibilitou que esses conteúdos se fizesse presente de forma indireta em nossas salas de aula, através do estudo da história do Brasil e de língua nacional, em que os textos davam como destaque a descrição do território nacional, suas dimensões, suas belezas físicas, etc.

Embora se possa afirmar que, nas escolas de primeiras letras, a Geografia se fazia presente apenas por intermédio de narrações literárias do território brasileiro, fica evidente, segundo Vlach (1988), a presença da inculcação ideológica do nacionalismo patriótico em nossas escolas, que se tornara de vital importância para classe dirigente desse país, pois permitia acentuar o sentimento de amor à pátria e ocultar as questões políticas e sociais que já se faziam manifestas em nosso território.

Contudo, esse período, é para Geografia escolar brasileira de suma importância, posto que, foi no transcorrer desta época que elucidava de forma mais intensa nas salas de aula o surgimento da Geografia moderna, num nítido processo de mudança nunca visto antes, alterando assim a forma e a estrutura da Geografia escolar.

3 A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA

Busca-se compreender o estágio como uma das ações responsáveis pela articulação entre a teoria e a prática, enquanto relação fundamental na atividade docente. Entretanto, para compreender melhor o tema, aborda-se abaixo algumas reflexões sobre o estágio.

O Estágio é uma exigência da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 nos cursos de formação docente. Com isso o mesmo passa a ser uma atividade que pode proporcionar ao aluno a aquisição de experiência profissional que vai ser importante também para a inserção no mercado de trabalho. Essa prática é o primeiro contato que o futuro professor terá com sua profissão e com seu campo de trabalho.

O Parecer Nº 21, de 2001, do Conselho Nacional de Educação, define o estágio,

Como um tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim o estágio supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário [...] é o momento de efetivar um processo de ensino/aprendizagem que, tornar-se-á concreto e autônomo quando da profissionalização deste estagiário (BRASIL, 2001).

Sendo assim, é necessário que haja um conhecimento dialético, em que a teoria e prática sejam consideradas como um núcleo articulador no processo de formação, a partir do trabalho desenvolvido com esses dois eixos de forma integrada, indissociável e complementar, ou seja, numa visão dialética, onde professores/orientadores e alunos/acadêmicos possam argumentar, discutir, refletir e dialogar com as práticas vivenciadas na escola.

A formação inicial é muito importante para a formação profissional do discente. O desenvolvimento profissional envolve formação inicial e contínua articuladas a um processo de valorização identitária e profissional dos professores, então à docência passa a ser um campo de conhecimentos específicos de intervenção profissional na prática social.

O professor nos dias de hoje é independente para tomar decisões frente as suas práticas pedagógicas, o que acarreta no seu desenvolvimento profissional. Há alguns

anos atrás, a formação dos professores era baseada na racionalidade técnica, exercia a figura apenas de reprodutor, mas hoje o professor tem o papel independente, confrontando suas ideias e ações cotidianas, revendo suas práticas e as teorias, produzindo novos conhecimentos tanto na teoria como na prática de ensinar.

As práticas exercidas em sala de aula devem ser reflexo dos cidadãos que queremos formar. O professor não é um mero reprodutor de informações, ele desempenha um papel importante para a formação de cada aluno, despertando neles um interesse pela ciência, pela leitura, senso crítico e formador de opiniões sábias e fundamentadas.

Pimenta e Lima (2004, p. 99) afirmam que “a profissão professor é uma prática social. Como tantas outras, é uma forma de se intervir na realidade social, no caso, por meio da educação que ocorre não só, mas essencialmente, nas instituições de ensino. Isso porque a atividade docente é ao mesmo tempo prática e ação”.

O professor é um profissional do humano que ajuda o desenvolvimento pessoal e intersubjetivo do aluno, sendo um facilitador de seu acesso ao conhecimento; é um se de cultura que domina sua área de especialidade científica e pedagógico-educacional e seus aportes para compreender o mundo; um analista crítico da sociedade, que nela intervém com sua atividade profissional; um membro de uma comunidade científica, que produz conhecimento sobre sua área e sobre a sociedade ((PIMENTA; LIMA, 2004, p. 99).

Em vista disso, é importante considerar que o professor em sua profissão, passa por um processo de auto formação, de reelaboração dos saberes iniciais em confronto com sua prática vivenciada, ou seja, o professor a partir da sua formação inicial e de suas práticas ao decorrer de sua profissão vai fazer uma auto-análise reformulando suas práticas, modificando o que não deu certo e sempre aprimorando o que está funcionando. Assim, seus saberes vão se constituindo a partir de uma reflexão sobre sua própria prática.

Quando fazemos uma reflexão sobre teoria e prática na docência, podemos analisar que são distintas ações, mas ao mesmo tempo são indissociáveis, porém apesar de haver estas concepções ainda existem diversos problemas na formação profissional docente. A simples dissociação entre teoria e prática resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas, o que evidencia necessariamente o porquê do estágio ser teoria e prática e não teoria ou prática, conforme diz (PIMENTA e LIMA, 2004 p. 43)

O papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitem questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicáveis sempre provisórias da realidade.

Uma fundamentação teórica bem solidificada não é o suficiente, se faz necessário uma prática bem alicerçada. É indispensável na formação do docente uma busca constante do saber e do fazer, estando cada vez mais presente a ação pedagógica.

Assim denominamos ação pedagógica as atividades que os professores realizam no coletivo escolar supondo o desenvolvimento de certas atividades materiais orientadas e estruturadas. Tais atividades tem por finalidade a efetivação do ensino e da aprendizagem por parte dos professores e alunos... Nesse sentido, na escola compreendida como comunidade temos diferentes ações e diferentes sujeitos com funções que também se diferenciam para a concretização do objetivo coletivo, a educação escolar (MOURA, 2003, p. 134).

Sendo assim, um docente bem qualificado profissionalmente exerce o verdadeiro papel de cidadão dentro do contexto social, à medida que atua como um agente multiplicador de conhecimentos contribui com a formação de mais cidadãos participativos e possuidores de espírito crítico, verdadeiro objetivo da Educação Nacional (FERNANDEZ; SILVEIRA, 2007).

Com isso fica evidente a importância que o Estágio tem para a melhoria da aprendizagem, do ensino e do estagiário, fechando assim o elo do bom ensinar. É importante ressaltar que só é possível conhecer, o que é ser um professor, quando o futuro professor reconhecer um poço de como é a vida de um profissional da educação. Assim será possível o acadêmico/estagiário redescobrir e reconstruir em si mesmo, o gosto pela profissão.

A experiência do Estágio na graduação é fundamental para a formação docente dos alunos de licenciatura, considerando que cada vez mais se faz necessário profissionais com habilidades e bem preparados para essa grande empreitada que é o ensinar. O estágio vai além de um cumprimento de exigências acadêmicas, também desempenha um papel de crescimento pessoal e profissional e instrumento de integração entre Universidade e Escola.

Contudo, aqueles que estão em processo de formação necessitam dar ao estágio a verdadeira importância que tem, pois é através dele que serão aplicados os conhecimentos acadêmicos em situações da prática profissional, exercitando suas

habilidades, relacionando teoria e prática de forma interdisciplinar para poder projetar isso quando no futuro, dando continuidade ao cotidiano.

Fazendo alusão aos primórdios conceituais do ensino em Geografia e levando em consideração os arcabouços teóricos para essa apreensão, acreditamos no estágio supervisionado como um amplo laboratório de pesquisa e aprimoramento do graduando, que por isso, deve usar esse momento para destruir enclaves que limitam sua capacidade de melhor absorver recomendações feitas pelo professor regente do componente curricular quanto à área do aprendizado. E embora muitas vezes isso seja esquecido, o estágio supervisionado é essencialmente um palco de exercício da prática docente enquanto se ainda é aluno, no qual há muitas dúvidas e questões a serem desmitificadas.

Abarcar “o estágio como o componente curricular de grande relevância para os graduandos em Geografia é fundamental, pois “o estágio como um campo de conhecimento próprio e um método investigativo que envolve a reflexão e a intervenção na vida das escolas, dos professores, dos alunos e da sociedade na qual estão inseridos” (PIMENTA, 2010).

Sobre discutir a dinâmica desses momentos reflexivos e sua relevância perante determinada atividade, se faz necessário um resgate histórico sobre o tema. Segundo Bissoli (2002) “É a Instituição de ensino, a quem cabe a decisão sobre o conteúdo teórico, e de pessoas jurídicas de direito público ou privado, cujo papel está restrito à oferta de vagas, contribuindo no processo educativo no que se refere ao aprendizado prático”.

Partindo dessa métrica, se apreende que o estágio não é algo estático nem pronto, e que as atividades e métodos a serem trabalhados são bem específicos para cada aluno em formação docente, como também das demais instituições que fazem parte desse eixo.

A pesquisa no ensino de Geografia possibilita ultrapassar o que está estabelecido. “Pesquisar” significa juntar ações que visem à descoberta de novos conhecimentos em uma determinada área, que no caso, é a geográfica.

O professor, ou estagiário, carece da prática da pesquisa no ensino de Geografia, para poder se atualizar, esquematizar diferentes formas de trabalhar determinado tema, como também, para quebrar conceitos antes pré-estabelecidos, mantendo sempre vivo o interesse pelo ato docente. Há condições comuns a todas as profissões, como Pimenta (2012, p. 37), diz:

O exercício de qualquer profissão é técnico, no sentido de que é necessária a utilização de técnicas para executar as operações e ações próprias. Assim, os

médicos, os dentistas necessitam desenvolver habilidades específicas para operar os instrumentos próprios de o seu fazer. O professor também.

Tomando como base essa informação se tem um melhor resultado em seus trabalhos, haja vista que o processo de ensino-aprendizagem exige comprometimento e aceitação de novos procedimentos por parte de quem os vai trabalhar. O professor que pesquisa, é o professor que busca respostas reflexivas sobre situações que surgem no dia-a-dia profissional, porque estas ultrapassam os conhecimentos elaborados pela ciência e as respostas técnicas que esta poderia oferecer ainda não estão formuladas. (Pimenta, 2012).

O componente de estágio implica o professor a fazer um trabalho de junção entre teoria e prática, estas que não devem ser trabalhadas de forma independente. Vê-se que o aprimoramento profissional tanto quanto o curricular, só poderão ter êxito quando houver um meio de junção íntima entre a teoria apreendida na academia com a prática disposta na escola. Assim, é papel da academia viabilizar meios para que o docente analise e compreenda as dinâmicas sociais presentes num território tão amplo quanto à sala de aula.

O que foi estudado por especialistas na área não pode ficar apenas no papel, na escrita. Deve sim, ser executado de maneiras adequadas para cada ambiente, aluno, instituição de ensino disposta.

O desenvolvimento desse processo é possibilitado pela atividade de pesquisa, que se inicia com a análise e a problematização das ações e das práticas, confrontadas com as explicações teóricas sobre estas, com experiências de outros autores e olhares de outros campos desconhecimento, com os objetivos pretendidos e com as finalidades da educação na formação da sociedade humana.” (PIMENTA, 2012, p. 49-50).

Indo mais além, conversar com diferentes autores, agregar ideias, fomentar questionamentos, vai ajudar o professor a formar seus próprios eixos de pesquisa e escolha de conteúdos que o desamarrem de técnicas arcaicas e ultrapassadas. Não eximindo os valores de uma aula tida como tradicional - que se apercebe ter bons elementos para se ensinar determinados assuntos – porém, agregar pesquisas e novos trabalhos a aula de Geografia, é muito importante para formação do professor-pesquisador.

Na nossa sociedade o professor é tomado como aquele que põe em prática o que diz os pesquisadores que seguem modelos costumeiros, desconhecendo a prática da sala

de aula. Quando um professor é ao mesmo tempo um pesquisador, é capaz de agregar ao seu currículo um forte ponto positivo, pois consegue aliar prática e teoria.

São vários dentre os estudiosos que defendem o intercâmbio da prática (do professor) com a teoria (do pesquisador). O primeiro contato no estágio já pode servir como suporte para se trabalhar a pesquisa em toda sua dinamicidade e importância, dependendo, é claro, da abertura dada pelo professor supervisor, do professor regente do componente curricular, da instituição acolhedora e também, da ementa do curso.

3.1 O Ensino do Território na Geografia Escolar

No seu desenvolvimento científico, a Geografia foi frequentemente direcionada pela busca de seu objeto/objetivo de estudo no processo de solidificação como ciência. Para isto, foram e são utilizadas categorias que serviram e servem como ferramentas de análise.

Segundo Melo (2009, p. 221) “A primeira contribuição oficial do conceito, no âmbito da Geografia, foi elaborada por Friedrich Ratzel, no final do século XIX, entre os conceitos, sem dúvida, o território foi e é uma categoria básica que norteou e norteia os estudos geográficos.

“O território é essencialmente um espaço definido e delimitado por e a partir das relações de poder” (SOUZA, 2003). “É fundamental compreender que o espaço e território não são sinônimos. O espaço está em posição que antecede o território, e este surge a partir do espaço” (SANTOS e SILVEIRA, 2001).

Segundo a concepção de Santos

O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem é plenamente realizada a partir das manifestações da sua existência. [Nesse sentido] a Geografia passa a ser aquela disciplina mais capaz de mostrar os dramas do mundo, na nação, do lugar (2002, p. 9).

Raffestin, (1993, p. 144) diz

[...] um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. (...) o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolvem, se inscreve num campo de poder [...].

O território em suas várias concepções necessita de maior compreensão e entendimento, uma vez em que seus conceitos vêm sendo debatidos há anos na Geografia e a cada dia novas situações devem ser consideradas nessas discussões.

As influências antrópicas interferem diretamente na maneira de se organizar o espaço, ou seja, o território é definido pelas relações de poder tecidas na existência de práticas sociais. Sendo assim, pode-se constatar como o conceito de território tem sido trabalhado na Geografia e como está sendo inserido na prática pedagógica.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1999, p. 138)

Nenhum estudo geográfico das formas de interações entre a sociedade e a natureza poderá estar desvinculado da territorialidade ou extensão do fato estudado. Os lugares têm, por exemplo, fronteiras territoriais. O território é a base física e material da paisagem, expressa-se numa determinada extensão, permitindo, assim, que se estabeleça alguma forma de fronteira.

O conceito de território parte da história vivenciada por uma comunidade que imprime, neste espaço, a identidade da comunidade, na qual cada indivíduo se reconhece parte dela. É a partir do espaço que os indivíduos territorializam no momento em que dele se apropriam.

É nesse espaço que se constituem as redes de relações, a construção de regras, conceitos e normas a partir do imaginário social e as relações de poder, entre os recursos naturais, as relações de produção ou as ligações afetivas e de identidades entre um grupo social e seu espaço (SOUZA e PEDON, 2009).

Ao passar dos anos, transformações ocorridas na sociedade tiveram influência direta no território, provocando mudanças históricas. Em decorrer dessas transformações pode-se chegar à conclusão que é por meio das práticas pedagógicas em sala de aula que o território e suas dinâmicas serão compreendidas.

Afirma-se que o território, abrange aspectos, sociais, econômicos e culturais, que estão constantemente em transformação e construção do espaço geográfico. O território também é tido como político nele se constitui grupos por interesse, afinidade ou conveniência, que é paralelo ao Estado. Sendo assim, o planejamento executado pelo Estado reflete na reprodução capitalista, de competitividade e de desigualdade.

Neste sentido, o território é definido pelas relações de poder tecidas na existência de práticas sociais, que fazem parte da vida dos indivíduos. Na comunidade, na escola, na família o aluno convive com grupos de pessoas e instituições que contribuem para a formação de cidadão.

Portanto, conhecer e compreender o território no qual está inserido permite que o aluno interprete suas características, pois elas fazem parte da sua história, o aluno participa ativamente do processo de identificação e construção do seu território.

Segundo Cavalcanti (1998), “o conceito de território tem uma larga utilização na história da Ciência Geográfica e no ensino ele está presente em diversos conteúdos que compõem o programa curricular do ensino fundamental e médio”. Faz-se necessário trazer esses conceitos para a sala de aula, através da interação com o aluno.

O estudo de conceitos que são básicos em uma ciência é bastante importante para formação dos saberes, como destaca Ausubel (1980) o processo de aprendizagem significativa dos conteúdos. Desta forma, os conceitos ou as categorias de cada ciência podem ser considerados elementos que facilitam o processo de aprendizagem, na medida em que seja possível direcionar os conteúdos escolares, criando condições para que o processo pedagógico tenha maior êxito no âmbito da sala de aula.

Sendo assim, é necessário criar uma dialética entre a ciência geográfica e as disciplinas das escolas, no intuito de promover uma “didatização” e uma “pedagogização” das teorias relacionadas ao saber geográfico, e é papel do professor configurar esse ensino a partir de uma análise dos problemas encontrados nos PCN e nos próprios livros didáticos.

É exercício do professor selecionar e organizar os conteúdos e conceitos para o planejamento curricular. Parte-se do pressuposto que na prática que o professor traz consigo o conhecimento da ciência geográfica, associando as correntes do pensamento geográfico, as categorias, conceitos básicos e a própria evolução da disciplina escolar.

No entanto o ensino da categoria território é de suma importância para a construção do saber escolar (saber-professor-aluno), por ser um conceito básico da Geografia e que está atrelado com o cotidiano de todos os indivíduos, e de todas as categorias em escalas distintas, tornando o território um metaconceito da ciência geográfica. É importante que o aluno tenha noção do espaço no qual está inserido, e as relações no qual tem com a categoria, fazendo com que o saber escolar esteja atrelado ao saber empírico, tornando o processo de aprendizagem facilitador na compreensão dos conceitos da ciência geográfica.

3.2 A utilização de jogos como recurso didático-pedagógico no ensino de Geografia

A inclusão de novas metodologias e modelos didáticos pedagógicos que busquem dar um suporte as necessidades encontradas no processo de ensino e aprendizagem na realidade escolar e dos alunos se faz necessário para que possua maior envolvimento dos mesmos.

Segundo Verri e Endlich (2009), é interessante buscar novas linguagens para a compreensão e aprendizado dos alunos, de modo que esse aprendizado não se torne apenas saber ou conhecer algo, mas que possa incluir outros níveis de conhecimento que resultem em habilidades e atitudes no sentido da formação dos mesmos como seres humanos.

O emprego de metodologias puramente teóricas nas aulas de Geografia promove o desinteresse em relação à disciplina. Dentre as muitas possibilidades existentes para inovar o ensino de Geografia, apresentam-se algumas reflexões acerca da utilização de jogos, avaliando de forma efetiva uma experiência nesse sentido.

Quando se fala em jogos, tem-se que levar em consideração o nível de conhecimento, a dinâmica de funcionamento e o grau de utilidade que o jogo proporcionará aos alunos e não aplicar apenas como uma espécie de passatempo para distração dos alunos.

O uso de jogos para trabalhar determinado tema geográfico vem a ser mais uma prática que agregará mais opções ao professor, visto que muitas vezes as limitações são maiores que as oportunidades quando o assunto são recursos didáticos dentro da rede pública de ensino. Ainda existe déficit não somente em trabalhar o problema da inserção de novos recursos didáticos, mas também em fazer um tanto para suprir as necessidades de transformações na rede básica de ensino. Tais questões se mostram cotidianamente, e por isso, é comum a todos.

Considerando a importância de conteúdos lúdicos no processo de ensino aprendizagem, Oliveira (1997) aponta que “na perspectiva piagetiana do desenvolvimento mental da criança, o jogo e a imitação desempenham papel relevante, pois são atividades espontâneas e que perduram por toda a vida do indivíduo”. Nesse contexto o papel do professor/estagiário se faz fundamental no planejamento do conteúdo a ser trabalhado por meio de jogos, sempre na tentativa de buscar a adequação

dos jogos às potencialidades dos alunos e buscando diversificá-los com o objetivo de explorar áreas e ideias não desenvolvidas pelos alunos.

É importante ressaltar que segundo Lino de Macedo *apud* Bertoldi (2003) “As aquisições relativas a novos conhecimentos e conteúdos escolares não estão nos jogos em si, mas dependem das intervenções realizadas pelo profissional que conduz e coordena as atividades”.

Sendo assim, o jogo não assume em momento algum o papel do professor em ensinar o conteúdo. O jogo apenas desempenha o papel de instrumentalizar o professor no processo de ensino como um exercício de apreensão e fixação do conteúdo passado pelo professor, tornando indispensável a presença e a orientação do mesmo na sala de aula.

Segundo Bertoldi (2003), “para que os jogos cumpram seu papel dentro da escola, o professor deve realizar as intervenções necessárias para fazer deste jogo uma aprendizagem”. Nesse sentido, o professor passa a ser incentivador e mediador do processo de aprendizagem e construção do saber, interferindo quando necessário, apresentando situações e reflexões para que o aluno tenha condições de caminhar sozinho. O professor deve respeitar o tempo de aprendizagem de cada aluno, ou seja, o tempo em que eles levam para assimilar o conteúdo, por meio do jogo.

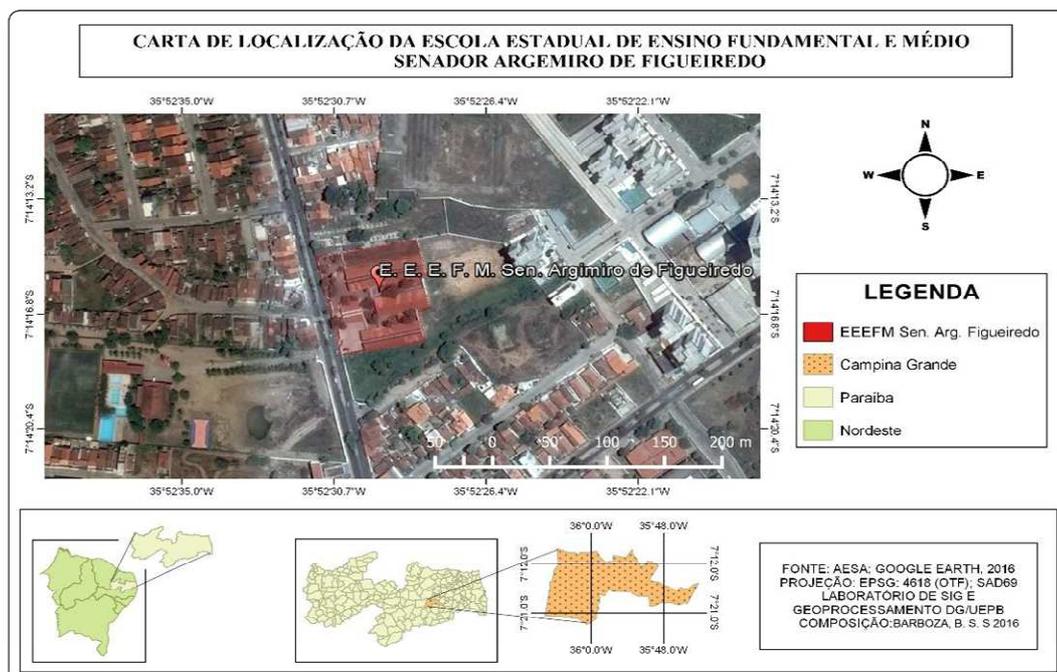
Desta forma, pode-se considerar que se trata de um instrumento adequado para o ensino e aprendizagem da Geografia, pois, além do jogo ser motivador, o aluno construirá o seu próprio saber ao realizar diferentes atividades desenvolvendo suas potencialidades. De acordo com Klimeck (2007, p.120), ao retomar aspectos importantes no jogo, o aluno está auto-avaliando suas estratégias, seu desempenho, a concentração e refletindo necessidades de mudanças de postura.

A proposta da utilização de jogos aplicados no ensino de Geografia prioriza a formação que o aluno tem e a forma como esse aluno aprende, tendo como objetivo a construção do conhecimento a partir das relações com a realidade, buscando fazer com que esses saberes sejam aprofundados, reconstruídos em diferentes momentos e de diversas formas durante a aplicação dos jogos.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

A atividade com o jogo WAR foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Argemiro de Figueiredo (Figura 1), situado na Av. Dr. Elpídio de Almeida, nº 25 no Bairro do Catolé, Campina Grande – PB.

Figura 1: Carta de Localização da E.E.E.F.M Argemiro de Figueiredo



Fonte: AESA: Google Earth, 2016. Lab de SIG e Geoprocessamento DG/UEPB. BARBOZA (2016)

A Escola pertence ao Estado, e conta com três modalidades de ensino (Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos – EJA), o público alvo são de estudantes de baixa renda, oriundos do bairro onde a escola está localizada e de bairros circunvizinhos. A turma na qual foram desenvolvidas as atividades de estágio foi o 1º Ano F, ensino médio.

Para o dado trabalho, a pesquisa foi de âmbito qualitativo, tornando-se visível no instante em que se analisam ações e atividades propostas no eixo do Estágio Supervisionado Curricular, pensando-se na qualificação docente, que é premissa do componente institucional. A pesquisa baseou-se no método fenomenológico.

O desenvolvimento da pesquisa se deu a partir de seis momentos, o primeiro deles foi a aplicação de um questionário diagnóstico onde buscou-se identificar qual o nível de compreensão dos alunos acerca da disciplina de Geografia, levando em consideração, principalmente, as dificuldades encontradas ao estudar Geografia e sugestões para as aulas de Geografia. A partir da análise dos dados dos questionários, foi possível

constatar de forma qualitativa o nível de dificuldade dos alunos na disciplina, como também a necessidade de trazer algo novo para a sala de aula, que não somente desconstruísse a ideia do ensino de Geografia baseado em métodos tradicionais, mas que também proporcionasse um ensino com características jamais utilizadas anteriormente.

O segundo momento da pesquisa foi realizada uma dinâmica (dinâmica do papel) com os alunos, que tinha como principal objetivo analisar a priori o nível de conhecimento sobre o conteúdo a ser estudado nas aulas de Geografia. A dinâmica se deu a partir da divisão em sala por duplas, cada dupla tinha consigo um papel que traziam perguntas sobre o que entendiam por ser Território; Territorialidades; Limites; Fronteiras; Estado; Nação. A dinâmica possibilitou a maior interação da turma junto aos estagiários, além de permitir uma noção básica dos conceitos e características ao objeto de estudo.

Com base no livro didático, deu-se início ao terceiro momento, que foram o das aulas expositivas de Geografia, trabalhando os conceitos de Território e Territorialidades de forma que pudessem abarcar a temática, buscando sempre a aproximação do conteúdo ao cotidiano dos alunos na própria escola, sobretudo na própria sala de aula. Além da aula expositiva, foi utilizada a resolução de exercícios que trouxeram aos alunos os conceitos já trabalhados em sala, fazendo com que os próprios pudessem mostrar seu entendimento a partir do que fora estudado nas aulas expositivas.

Diante da necessidade de escolher o jogo a ser trabalhado, primeiramente foi realizado um levantamento de jogos que integrassem questões de modo que se pudessem compreender noções geográficas, como territórios, fronteiras, limites, espaços e as relações de poder e estratégia, levando em consideração esses eixos o jogo escolhido foi “WAR”.

“WAR” (Figura 2) é um jogo de tabuleiro contendo o desenho do Mapa Mundo, dividido entre os seis continentes (América, Ásia, África, Antártida, Europa e Oceania) e seus respectivos países, identificados no jogo como os territórios, os exércitos são representados por diversas peças de cores distintas (Amarelo, Azul, Branco, Preto, Verde e Vermelho) e também é composto por cartas objetivos, que determina cada objetivo que os jogadores têm que conquistar no jogo.

Os objetivos do jogo são:

Conquistar na totalidade a EUROPA, a OCEANIA e mais um terceiro;

Conquistar na totalidade a ASIA e a AMÉRICA DO SUL;

- Conquistar na totalidade a EUROPA, a AMÉRICA DO SUL e mais um terceiro.
- Conquistar 18 TERRITÓRIOS e ocupar cada um deles com pelo menos dois exércitos;
- Conquistar na totalidade a ASIA e a ÁFRICA;
- Conquistar na totalidade a AMÉRICA DO NORTE e a ÁFRICA;
- Conquistar 24 TERRITÓRIOS à sua escolha;
- Conquistar na totalidade a AMÉRICA DO NORTE e a OCEANIA;
- Destruir totalmente OS EXÉRCITOS AZUIS;
- Destruir totalmente OS EXÉRCITOS AMARELOS;
- Destruir totalmente OS EXÉRCITOS VERMELHOS;
- Destruir totalmente OS EXÉRCITOS PRETOS;
- Destruir totalmente OS EXÉRCITOS BRANCO;
- Destruir totalmente OS EXÉRCITOS VERDES;

Figura 2: Jogo War



Fonte: <http://www.monomaniacos.com.br/abelhudice/tras-jogo-war/>

O jogo se desdobra a partir do momento em que é dividido entre os jogadores as cartas contendo o nome dos territórios, assim os jogadores poderão posicionar seus exércitos nos territórios, e com a carta objetivo os jogadores irão atacar os oponentes alvos com a utilização de dados vermelhos que representam ataque e dados amarelos que representam defesa.

A turma do 1º Ano F era composta por 21 alunos, destes, apenas 12 participaram do jogo. Os alunos que compõe o 1º ano F nunca fizeram a utilização de jogos em suas aulas de Geografia, apenas aulas expositivas com a utilização do quadro,

data show ou livro didático, ao serem perguntados sobre a utilização de jogos nas aulas de Geografia, a sua totalidade (doze alunos que participaram do jogo) respondeu que nunca haviam tido essa experiência. Foi também perguntado aos alunos se conheciam ou se até mesmo tinham jogado WAR em algum momento fora da sala de aula, dos 12 (doze) alunos perguntados, apenas 1 (um) conhecia o jogo, mas nunca tinha jogado.

Os dados foram obtidos através de questionário aplicado em sala antes da utilização do jogo. A partir dessas informações, se fez necessário uma explanação em sala sobre o jogo, como funcionava, as regras e principalmente qual a importância da aplicabilidade do jogo para o ensino de Geografia, fazendo referência aos conteúdos estudados em aulas anteriores.

Posteriormente os alunos foram organizados em seis duplas, cada dupla dispunha de um exército com cores distintas, as cartas território e as cartas com os objetivos foram distribuídas. Com seus exércitos apostos nos territórios e o objetivo em mãos, os alunos deram início a batalha, utilizando de habilidades, estratégias e conhecimentos para a conquista do objetivo final deles no jogo.

Durante o jogo foi possível intervir junto aos alunos conceitos sobre território, trazendo à tona exemplos históricos de disputa de território e conquistas, como por exemplo, o processo de colonização do Brasil, e de conflitos mais atuais pelo território como, por exemplo, Israel, Líbano e Síria. Fazendo a utilização do tabuleiro também foi possível identificar os limites dos territórios entre países, como também os países que fazem fronteira com o Brasil.

Figura 3: Intervenção da Estagiária junto aos alunos



Fonte: Fotografia SOUTO (2016)

O jogo WAR é um jogo bastante extenso, por esse motivo, a dupla que chegasse mais próximo do seu objetivo no jogo, seria o vencedor. Após a realização do jogo, os alunos responderam a um questionário semi-estruturado, cujas respostas permitiam uma avaliação referente à utilização do jogo nas aulas de Geografia, ao entendimento do conteúdo através do jogo e sobre a interação aluno-estagiário.

Compreendendo que a busca de novas linguagens e a inserção de novas metodologias para o ensino de Geografia é necessária, além de incluir várias outras possibilidades, procurou-se por fazer a utilização de um jogo no qual fosse possível de forma lúdica e descontraída tornar o processo de ensino e aprendizagem mais interessante e atrativo para os alunos, sendo capazes de articular teoria e prática, desenvolvendo estratégias e habilidades de forma espontânea.

5 REFERÊNCIA EMPÍRICA E AVALIAÇÃO DE UMA PRÁTICA

5.1 Concepções dos alunos acerca da utilização dos jogos nas aulas de Geografia

Os resultados obtidos por meio do questionário semi-estruturado para avaliação da atividade realizada constituíram de questões como: a) como avalia a utilização de jogos no processo de ensino da disciplina de Geografia? b) como avalia a utilização do jogo War na aula de Geografia para compreensão do conteúdo ministrado em sala de aula? c) conseguiu relacionar/assimilar a dinâmica do jogo WAR com o que foi estudado em sala de aula? d) achou que a utilização do jogo em sala fez com que interagisse mais com o estagiário e colegas de sala? e) achou que é/ foi importante a utilização de jogos para o ensino de Geografia?

Por meio do questionário realizado e estruturado pelos estagiários, foi possível refletir acerca e constatar a reação dos alunos à atividade proposta, onde 4 (quatro) dos alunos avaliaram a utilização de jogos no ensino de Geografia como sendo ótima; 7 (sete) avaliaram como sendo bom; 1 (um) avaliou como sendo regular, e nenhum avaliou como sendo ruim.

Em relação à utilização do jogo WAR na aula de Geografia para a compreensão do conteúdo ministrado em sala de aula, 4 (quatro) avaliaram como sendo ótimo; 7 (sete) avaliaram como sendo bom; 1 (um) avaliou como sendo regular; e nenhum avaliou como sendo ruim.

Pôde-se constatar que em relação à dinâmica do jogo WAR com o que foi estudado em sala de aula, 11 (onze) dos alunos responderam que sim, conseguiram assimilar o jogo ao conteúdo, nenhum aluno respondeu que não conseguiu, e 1 (um) respondeu que foi indiferente.

Os alunos também foram questionados se o jogo fez com que houvesse uma maior interação entre estagiário e colegas de sala, 10 responderam que sim, nenhum respondeu que não, e 2 responderam que foi indiferente,

A última pergunta do questionário detém-se, a saber, dos alunos se é/foi importante a utilização de jogos para o ensino de Geografia. 11 dos alunos responderam que sim, nenhum dos alunos respondeu que não, e 1 dos alunos responderam que foi indiferente, conforme é possível visualizar no

É possível notar por meio dos dados que a atividade realizada teve saldo positivo, mostrando-nos que o jogo é uma importante ferramenta no processo de ensino e aprendizagem. O desenvolvimento de propostas para gerar um procedimento de

progresso constante na dinâmica não só da aula de Geografia, como no contato entre os alunos durante as aulas de outras disciplinas. A adoção de um novo processo como esse faz com que deixemos de lado o estigma de que vir à escola é maçante, de que a aula é chata ou monótona.

Partindo daí o estudo do território sobre a ótica do jogo “WAR”, e da análise de relacionamento entre os próprios alunos, se fez possível identificar a necessidade da fundação de uma nova metodologia que admitisse uma avaliação qualitativa dos resultados apresentados.

Como resultado do sistema de avaliação qualitativo, desenvolvido durante todo esse trabalho, foi imaginável obter uma visão das lacunas que pediam uma maior atenção no processo de melhoria ininterrupta, além do provimento de ideias para a solução de interrogações geradas pelo próprio jogo.

É conveniente que os participantes que interagiram com essa ferramenta, tenham construído um conceito tão abarcante e profundo sobre a categoria “território”, contudo questionamos se é ainda uma distração teórica ou se de fato se traduz na prática discente. Como analisamos nos comentários dos alunos durante o jogo, percebemos que evidenciavam fatos comumente normais para eles, tais como a disputa de torcidas organizadas em seus bairros, a disposição que cada pessoa fica na sala de aula, e também, as territorialidades existentes e mutáveis de acordo com o horário no centro da cidade de Campina Grande.

Destacamos também que a conduta dos alunos pode ser aprimorada com a dinâmica e relação de colaboração criada com a introdução de jogos nas aulas de Geografia. Alunos que além de não quererem participar da aula e ainda atrapalhavam os demais colegas, com o jogo, ficaram determinados e passaram a fazer as atividades pedidas com mais interesse, conforme é possível visualizar na figura abaixo.

Figura 4: Alunos do 1º ano F, ensino médio durante a aplicação do jogo WAR



Fonte: Fotografia BARBOZA (2016)

No geral, houve progresso também no comportamento da turma, que adquiriram mais confiança no estagiário e passou a respeitar procedimentos e normas pré-estabelecidas para o jogo, estendendo esse comportamento para a sala de aula. Com a intenção de participar na formação dos discentes, o jogo promove facilidade às atividades escolares, aumentando o rendimento escolar, todavia segundo Brougère (1998, p. 201):

Não é o jogo em si mesmo que contribui para a educação, é o uso do jogo como meio em um conjunto controlado que lhe permite trazer sua contribuição indireta à educação. O educador deve saber tirar proveito desta força bruta da natureza, e somente esse controle garante o resultado. Deve-se saber limitar o papel do jogo, e não formar jogadores.

Contudo, essa prática ofereceu aos alunos uma nova experiência, dando-lhes a oportunidade de serem criadores dos seus próprios saberes, utilizando suas habilidades, estabelecendo suas estratégias, desenvolvendo um ágil e eficiente raciocínio. Essa experiência tornou-se importante não só para os alunos, mas como também para os demais sujeitos envolvidos e que participaram desse processo, fazendo refletir sobre novas práticas em frente às dificuldades enfrentadas no cenário educacional.

Todo esse processo de descobertas e aprendizagem durante o estágio, foi imprescindível para a formação acadêmica, tendo em vista não apenas a formação profissional, como também a pessoal, pois possibilitou refletir sobre a importância singular que o professor tem no processo de mediação do conhecimento, e fez reconhecer que o aluno é sim um sujeito ativo nesse processo de aprendizagem.

6 CONCLUSÃO

A vivência no estágio proporcionou reconhecer sua importância para o ingresso na carreira docente. A partir dele percebeu-se a sala de aula como um local prazeroso, mas muito desafiador, visto a necessidade de se ter ações a decorrerem na ampliação do conhecimento pelos alunos. Para isso é preciso superar práticas reprodutivistas, por ações que propiciem a participação ativa dos alunos, tendo em vista que a ampliação do conhecimento advenha da vivência das situações, ultrapassando a mera memorização de conteúdo, fruto de uma aprendizagem mecânica.

Destaca-se, portanto, a relevância do estágio, por proporcionar aprendizagens do fazer docente e desencadear a reflexão sobre as próprias ações, enquanto essas acontecem ou posteriormente à sua efetivação, tendo em vista ressignificá-las, se necessário, para atender à diversidade dos alunos que compõe o cenário da sala de aula.

Em busca da inclusão de uma nova linguagem propiciando metodologias diferenciadas, que auxiliam nas necessidades encontradas no processo de ensino aprendizagem. Para isso, foi contemplada, nos planos de aula, a abordagem dos conteúdos a partir de uma forma lúdica, fazendo a utilização de um jogo, a fim de favorecer a construção de novos conhecimentos de uma maneira mais integrada.

A utilização do jogo proporcionou um exercício de assimilação e fixação do conteúdo, de forma que o aprendizado fosse mais prazeroso para o aluno fazendo com que vivenciasse fatos e fenômenos, podendo desenvolver relações mais próximas e um conhecimento mais aprofundado dos temas abordados.

A finalidade deste trabalho foi de demonstrar que a educação é muito mais do que o professor em sala de aula, reproduzindo conteúdo e repassando informações, é importante que haja a relação entre professor-aluno; conteúdo-aluno; aluno-aluno, essas trocas são imprescindíveis para formação dos saberes, que podem ser trabalhados de maneira mais prazerosa e motivacional através dos jogos, fazendo com que o aluno aprenda melhor o conteúdo frutos de suas próprias experiências.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D.; NOVAK, J.; HANESIAN, H. **Psicologia educacional**, Rio de Janeiro: Interamericans, 1980.

BARBOSA, Ruy. **Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da educação pública**. In: BARBOSA, Ruy. Obras completas de Ruy Barbosa. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1946.

BERTOLDI, M. **Jogos na educação e no consultório**. Publicado em 2003. Disponível em <<http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas>>. Acesso em 10 de maio de 2016.

BIANCHI, A. C. M., et al. **Orientações para o Estágio em Licenciatura**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena**. Parecer CNE/CP 009/2001. Brasília, DF, maio de 2001.

BRASIL. MEC. SEMTEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnologia, 1999.

BISSOLI, Maria Ângela Marques Ambrizi. **Estágio em Turismo e Hotelaria**. São Paulo. Ed Aleph.

BROUGÈRE, G. **Jogo e Educação**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas: Papirus, 1998.

DONAIRE, Denis. **A utilização do estudo de casos como método de pesquisa na área da administração**. Rev. IMES, Santo André, n. 40, maio-agosto/1997.

FERNANDEZ, C.M.B.; SILVEIRA, D.N. **Formação inicial de professores: desafios do estágio curricular supervisionado e territorialidades na licenciatura**. In: 30ª Reunião Anual da ANPED, 2007, Caxambu. Anais da 30ª Reunião anual da ANPED.

Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT04-3529--Int.pdf>. Acesso em: 29 Agos. 2016.

ISSLER, Bernardo. **Os Estudos Sociais no Brasil**. In. Geografia e os Estudos Sociais (Doutorado em Geografia) Presidente Prudente, São Paulo, 1973.

KLIMECK, R. L. C. **Como aprender Geografia com a utilização de jogos e situações-problema**. In: Prática de Ensino em Geografia e estágio supervisionado. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

MELO, J. A. B. **Ordenamento territorial e sustentabilidade: um diálogo possível?**. In: Caminhos de Geografia – Revista Online. Instituto de Geografia – UFU. Programa de Pós-Graduação em Geografia. 2009

MOURA, M. O. **“O educador matemático na coletividade de formação”**. In: Chaves et ali (orgs.). Concepções e Práticas em formação de professores: diferentes olhares. Rio de Janeiro: DP&A. 2003

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico**. 4.ed. São Paulo: Scipione, 1999.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

PEREIRA, J. C. R. **Análise de dados Qualitativos** . Estratégias Metodológicas para as Ciências da Saúde, Humanas e Sociais. São Paulo: Editora EDUSP, 2004.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. **A Geografia escolar brasileira nos fins do século XIX.: Revisitando os pareceres de Ruy Barbosa,1882**. IN: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO. I. Anais... Rio Claro:UNESP. 1999.

ROCHA, G.O.R. **A trajetória da disciplina geografia no currículo escolar brasileiro (1837-1942)**. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação: supervisão e currículo) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

SOUZA, M. J. L. **“O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento”**. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 23.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e Sociedade no início do século XXI**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 22.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. In: **Território, Territórios: ensaios sobre ordenamento territorial**. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – AGB. Niterói, 2002.

VLACH, Vânia R. F. **A propósito do ensino de Geografia em questão o nacionalismo patriótico**. São Paulo: USP. 1988. (Dissertação Mestrado)

_____. O ensino de Geografia no Brasil: uma perspectiva histórica. In. VESENTINI, José William (Org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

VERRI, Juliana Bertolino. ENDLICH, Ângela Maria. **A utilização de Jogos aplicados a Geografia**. Revista Percurso – NEMO, Maringá, v.1, n.1, 2009.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOBRE A UTILIZAÇÃO DE JOGOS

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO
(UTILIZAÇÃO DO JOGO WAR)**

1º ALGUM PROFESSOR JÁ UTILIZOU JOGOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA?

SIM NÃO

2º VOCÊ CONHECE/JOGO O JOGO WAR?

CONHEÇO/JOGUEI NÃO CONHEÇO/NÃO JOGUEI

CONHEÇO, MAS NÃO JOGUEI

3º COMO VOCÊ AVALIA A UTILIZAÇÃO DE JOGOS NA AULA DE GEOGRAFIA?

ÓTIMO BOM REGULAR RUIM

4º COMO VOCÊ AVALIA O USO DO JOGO WAR NA AULA DE GEOGRAFIA PARA COMPREENSÃO DO CONTEÚDO MINISTRADO EM SALA DE AULA (TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES)?

ÓTIMO BOM REGULAR RUIM

5º VOCÊ CONSEGUIU COMPREENDER O ASSUNTO MINISTRADO EM SALA DE AULA (TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES) ATRAVÉS DA UTILIZAÇÃO DO JOGO WAR?

SIM NÃO INDIFERENTE

6º VOCÊ ACREDITA QUE O JOGO WAR FEZ COM QUE VOCÊ INTERAGISSE MAIS COM O PROFESSOR E COLEGAS DE SALA?

SIM NÃO INDIFERENTE

7º COM BASE NAS PERGUNTAS ANTERIORES E NO QUE VOCÊ APRENDEU VOCÊ ACREDITA QUE É/FOI IMPORTANTE A UTILIZAÇÃO DE JOGOS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA?

SIM

NÃO

INDIFERENTE

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO**CENTRO DE EDUCAÇÃO/DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA****ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA IV****QUESTIONÁRIO APLICADO JUNTO AS TURMAS CAMPO DE
ESTÁGIO**

1. Qual a sua opinião a respeito da disciplina Geografia?
2. Qual é o papel da Geografia na escola?
3. Relate um pouco de sua experiência ao estudar Geografia anteriormente (quais as metodologias e recursos didáticos utilizados pelos professores, sobre os processos de avaliação escolar, etc.)
4. De que modo a Geografia se faz presente no seu dia-a-dia?
5. Você sente alguma dificuldade em estudar Geografia? Explique.
6. Apresente algumas sugestões para as aulas de Geografia na sua escola.